



Heródoto Barbeiro (*)

Espera-se a visita do presidente da Argentina ao Brasil.

Uma parte da elite brasileira range os dentes contra a visita do argentino. Acusam-no de concentrar o poder em suas mãos e revidar com vigor as críticas que recebe da oposição em seu país. O Ministério das Relações Exteriores do Brasil fica entre a cruz e a espada. Como atender a uma parte do espectro político nacional, sem desagradar o outro lado? Uma das táticas utilizadas é empurrar a presença do portenho para o mais distante possível, sob os mais diversos motivos.

Teria o presidente do Brasil agenda na capital federal para conferenciar com o argentino? Há interesse por parte dele que esse encontro realmente aconteça? Qual é a pauta do encontro? Ninguém sabe, mas diplomatas não dormem há pelo menos uma semana.

Uma das alternativas para a visita é a consolidação do poder dos presidentes. Outra é a resistência à ameaça de intervenção dos Estados Unidos, acusado de reviver a Doutrina Monroe. O presidente brasileiro é chamado ironicamente de caudilho, uma qualificação comum aos populistas latino-americanos. Ele não está à vontade para se envolver em uma aventura internacional – afinal, o país vive uma radicalização política envolvida por uma crise.

A motivação é a suspeita de corrupção que envolve o presidente brasileiro, sua família e seus assessores mais próximos.

“Peitar” os americanos é abrir mais um flanco para os ataques da direita cada vez mais radical. Há reação inclusive no Itamaraty.

A direita conservadora brasileira rotula o presidente argentino como um perigoso populista que chegou ao poder através do voto, sem golpe de Estado como é comum no continente. Juan Domingo Perón lidera o Partido Justicialista, que promete retomar o crescimento e a melhoria da vida da população.

O partido peronista ganha sucessivas eleições e, com isso, Perón tem maioria no parlamento argentino e o apoio do movimento sindical, das Forças Armadas e amplo apoio popular. Tenta uma aproximação com Getúlio Vargas, eleito democraticamente em 1950, para com o Chile construir um pacto conhecido como ABC – Argentina, Brasil e Chile, uma espécie de rascunho do atual Mercosul. Perón promete várias vezes se reunir com Vargas no Rio de Janeiro, mas a crise política vivida no Brasil não comporta uma visita de Perón.

O encontro nunca aconteceu. No mesmo ano de 1954, Vargas se suicidou e, no ano seguinte, o hermano é derrubado por um levante militar nacional. Na sua fuga em direção ao exílio, seu avião fez um pouso no Maranhão onde permaneceu por uma hora. Finalmente ele pisa em solo brasileiro.

(*) - É professor e jornalista, âncora do Jornal Novabrasil, colunista do R7, do Podcast. Mestre em História pela USP e inscrito na OAB. Palestras e mídia training. Canal no Youtube (www.herodoto.com.br).

Swift, Armour, Ford, e as linhas de desmontagem e montagem

As linhas de montagem foram criadas por Henry Ford. Elas permitiram a produção em massa de automóveis a baixo custo e logo foram copiadas por outras indústrias. A difusão do conceito de linha de montagem moldou a sociedade atual em termos, principalmente, de produção e consumo.

Vivaldo José Breternitz (*)

Diz-se que Ford teve o insight que o levou a criar a linha de montagem ao visitar uma espécie de linha de “desmontagem”; segundo consta em sua autobiografia “My Life and Work” (1922), Ford teve essa ideia ao visitar um matadouro em Chicago.

Esse matadouro tinha como proprietários Gustavus Swift e Philip Armour, criadores de um sistema de abate e “desmontagem” de bovinos que permitia que isso fosse feito em escala industrial. Ali, os animais eram suspensos de cabeça para baixo por uma corrente que corria presa a uma calha, passando de um funcionário para outro. Cada um executava uma tarefa específica no desmembramento da carcaça: atordamento, corte da cabeça, sangramento, retirada do couro, corte dos membros, remoção das vísceras, lavagem etc. Swift e Armour eram grandes empresários do setor de carnes.

Ford percebeu a eficiência dessa linha e inverteu o processo de desmontagem, criando em 1913 a linha de produção móvel. Nela, uma carcaça de automóvel passaria de funcionário a funcionário, sendo uma ou mais peças integradas em cada etapa, até se chegar ao produto final; os veículos eram montados em esteiras rolantes, que se movimentavam enquanto o operário ficava praticamente parado. Buscava-se assim a



AL_CANVA

eliminação dos movimentos inúteis: o objeto de trabalho era entregue ao operário, em vez de ele ir buscá-lo.

Cada operário realizava apenas uma operação simples ou uma pequena etapa da produção; desta forma não era necessária quase nenhuma qualificação dos trabalhadores. Charles Chaplin, no filme “Tempos Modernos” mostrava como o trabalho nessas linhas robotizava os operários – aliás, os robôs hoje estão presentes em quase todos os tipos de linhas de montagem.

O método de produção fordista exigia vultosos investimentos em máquinas e

instalações, mas permitiu que a Ford produzisse mais de 2 milhões de veículos por ano durante a década de 1920; cem anos depois, em 2025, o Brasil produziu 2,6 milhões de veículos. O veículo pioneiro produzido segundo o sistema fordista foi o Ford Modelo T, mais conhecido aqui como “Ford Bigode”, que até a chegada dos Fuscas foi o veículo mais vendido do mundo.

Como dissemos, essa tecnologia moldou a indústria e a sociedade atuais.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitiz@gmail.com.

O mito da empresa agêntica: por que a maioria ainda não está pronta?

Nos últimos meses, “agêntico” virou a palavra favorita dos eventos de tecnologia. Empresas anunciando seus pilotos, lançando frameworks, executivos voltando de conferências com slides cheios de cases internacionais. Mas, na prática da operação, o que vemos com frequência é o agente que ia transformar a operação se tornando apenas mais uma funcionalidade que ninguém usa. E o problema, vale destacar, não é a tecnologia.

Os agentes de IA disponíveis hoje são, de fato, capazes de executar tarefas complexas com autonomia real. O problema é que a maioria das empresas está implementando autonomia em cima de estruturas que não foram desenhadas para recebê-la. Dados inconsistentes que nenhum sistema confia plenamente; processos que dependem de decisões informais, daquele e-mail que o diretor precisa aprovar antes de qualquer coisa acontecer, e governança inexistente sobre quem responde quando a máquina erra. Nesse ambiente, o agente não falha por limitação técnica, mas sim porque a organização ao redor não sabe trabalhar com ele.

E aqui está a consequência que pouca gente está discutindo abertamente: quando o agente toma uma decisão errada – e ele vai tomar, como qualquer sistema toma –, alguém vai precisar responder. Não o fornecedor da tecnologia, não a plataforma de IA, não o time de TI. Se você coloca uma IA tomando decisão que impacta cliente ou parceiro, você assume o risco. Essa frase parece óbvia, porém contradiz diretamente o que a maioria das empresas está fazendo na prática: implementar agentes em processos sensíveis antes de definir qual é o limite da autonomia desse sistema, quem está supervisionando e o que fazer quando algo sair fora do esperado. Sem esse mapa, o que a empresa chama de transformação agêntica é, na prática, terceirização de responsabilidade



Gustavo Caetano

Quando a automação avança mais rápido do que a capacidade das organizações absorverem essa mudança, os primeiros a sentirem o impacto são os profissionais em início de carreira, aqueles que aprendiam o ritmo de uma empresa fazendo o trabalho que agora os agentes fazem.

para uma tecnologia que não tem como assumi-la.

Há uma consequência humana nessa equação que as companhias ainda estão subestimando. Quando a automação avança mais rápido do que a capacidade das organizações absorverem essa mudança, os primeiros a sentirem o impacto são os profissionais em início de carreira, aqueles

que aprendiam o ritmo de uma empresa fazendo o trabalho que agora os agentes fazem. A Bloomberg Businessweek documentou recentemente que o número de vagas entry-level nos EUA caiu ao menor nível desde 2020, com a taxa de desemprego entre recém-formados superando a média nacional. A pergunta que isso coloca é incômoda: se esses espaços de aprendizado desaparecem, de onde vêm os profissionais com julgamento e experiência para supervisionar, calibrar e questionar esses mesmos sistemas no futuro? A IA não substitui o ser humano, mas uma adoção mal calibrada pode criar condições que dificultem a formação dos profissionais que ela precisará para funcionar bem.

Acredito que o caminho não é desaccelerar a adoção, mas sim mudar a ordem das perguntas. Antes de escolher qual agente implementar, a pergunta certa é: minha operação está preparada para dar autonomia real a um sistema, e meu time sabe trabalhar lado a lado com ele? Se a resposta for não, o próximo passo não é mais tecnologia, mas sim entender o que precisa ser ajustado antes. A IA agêntica só amplifica o que já existe, e isso vale tanto para o que está funcionando quanto para o que não está. E é exatamente por isso que 76% das empresas admitem que sua infraestrutura atual não suporta a mudança que dizem querer fazer, conforme análise recente da MIT Technology Review.

As empresas que vão de fato se transformar nos próximos anos não são as que implementarem mais agentes, mas sim as que entenderem que a transformação agêntica começa nas pessoas, nos processos e na governança, e que a tecnologia é consequência de ter construído essa base, não o atalho para evitar construí-la.

(Fonte: Gustavo Caetano é CEO e fundador da Sambatech).

News@TI

Twilio apresenta a nova geração de sua plataforma para a era dos agentes no SIGNAL São Paulo

A Twilio, infraestrutura para engajamento de clientes na era da IA, realiza a 4ª edição do SIGNAL São Paulo, o maior evento da empresa na América Latina. No palco, a Twilio apresenta ao mercado latino-americano os recursos de próxima geração de sua plataforma. “Esses novos recursos fornecem a base tecnológica necessária para manter o contexto e a continuidade das conversas, transformando cada interação em uma oportunidade de ação e fortalecendo o relacionamento com o cliente”, afirma José Eduardo Ferreira, Vice-Presidente Regional da Twilio para a América Latina (<https://www.twilio.com/en-us/blog/products/signal-2026-product-announcements>).

ASUS Vivobook 15

A ASUS, marca líder global em tecnologia, anuncia hoje o novo ASUS Vivobook 15 (X1504MA), tornando-se a primeira fabricante do Brasil a lançar notebooks equipados com toda a família de processadores Intel® Core™ (Série 3), voltada para todos os perfis de usuário. O anúncio reforça a trajetória da ASUS como a primeira marca a trazer, ano após ano, as principais novidades de processadores da Intel para o mercado brasileiro. O ASUS Vivobook 15 entrega desempenho fluido no dia a dia com processadores até Intel® Core™ 7350, até 16 GB de RAM DDR5 e até 1 TB de SSD PCIe NVMe. O sistema de resfriamento com tecnologia IceBlade mantém o notebook silencioso e eficiente mesmo sob uso intenso, enquanto a bateria de 42 Wh com recarga rápida garante mais autonomia ao longo do dia. A conectividade fica por conta de até Wi-Fi 6, e o pacote de aplicativos ASUS — incluindo GlideX, MyASUS e ScreenXpert — amplia a produtividade do usuário (<https://www.asus.com/br/laptops/for-home/vivobook/asus-vivobook-15-x1504/>).

	José Hamilton Mancuso (1936/2017)	Laurinda Machado Lobato (1941-2021)	José Leonil Lobato (1939-2026)
	Responsável: Lilian Mancuso		
Editorias <i>Economia:</i> Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br) <i>Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/ Espaço empresarial:</i> Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); <i>Livros:</i> Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br) <i>Comercial:</i> comercial@netjen.com.br <i>Publicidade Legal:</i> lilian@netjen.com.br	<i>Webmaster/TI:</i> Fabio Nader; <i>Editoração Eletrônica:</i> Ricardo Souza. <i>Revisão:</i> Maria Cecília Camargo; <i>Serviço informativo:</i> Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.		
Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.		Jornal Empresas & Negócios Ltda Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080 Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br) Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003) Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.	
Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes		ISSN 2595-8410	